



DO CONTROLE À FRUSTRAÇÃO: EXTRAVIOS DO PODER PATRIARCAL NA OBRA DE GEORGE R.R. MARTIN

Renata Maria Silva de Souza (UFPB)

Rafael Venâncio (UFPB)

Hermano de França Rodrigues (Orientador)

RESUMO: A paternidade, em psicanálise, é definida como a função capaz de transmitir a lei e os interditos próprios da cultura, bem como, de exercer o corte na simbiótica relação da mãe com o seu bebê. Já nas obras de ficção, temos diversos personagens que representam a função paterna como meros coadjuvantes da vontade e desejos de seus filhos, ora ajudando-os a realizar seus intentos, ora tentando burlá-los por meio de um tipo de suposta autoridade que não inspira, nem mesmo, um pequeno temor. É certo que, em vista das mudanças sociais, estes pais fictícios não tenham um papel significativo nas histórias das quais fazem parte e, conseqüentemente, não sejam vistos como parte integrante da trama. Entretanto, Lorde Tywin Lannister é o completo oposto disso, o personagem da série As Crônicas de Gelo e Fogo, escrita pelo norte-americano George R.R. Martin, entre 1996 à 2016, oriundo de uma época de signos medievais, se coloca como o principal controlador do destino de sua família, decidindo o que é melhor para que seus interesses sejam alcançados, ou seja, age como um nobre, chefe de família aristocrata medieval. Por isso, numa conexão entre a psicanálise de base kleiniana e a literatura infanto-juvenil, nossa pesquisa pretende analisar a ambivalente relação deste pai com dois de seus três filhos, enfatizando a forma como ele comparece, enquanto autoridade representante do patriarcado e os resultados de suas atitudes no desenvolvimento psíquico da prole.

Palavras-chave: Paternidade. Fantasia. Melanie Klein.

INTRODUÇÃO

A família nuclear começou a se formar no final do séc. XVIII, tornando-se o modelo ideal para ser herdado pelos pais do séc. XX, ou seja, de acordo com a psicanálise Elisabeth Roudinesco (2003, p.12), a concepção de que, a partir do amor, os vínculos conjugais passam a ser consentidos. Neste modelo o filho é o receptor dos cuidados dos pais e a prova cabal de seu amor entre ambos, o número de membros que compõem o núcleo familiar, diferente da

aristocracia, diminui de maneira drástica e somente os laços biológicos, com algumas exceções, são os membros pertencentes a casa.

Conforme o analista e escritor Jurandir Freire Costa (2014), as mudanças nos paradigmas sociais como, por exemplo, a emancipação feminina, a desmitificação da ideia da insolubilidade do casamento e o controle quanto à procriação, tem, aos poucos, alterado este modelo relativamente novo, que sofre alterações significativas na sua



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

estrutura e forma de conceber os integrantes do núcleo familiar: a hierarquia é criticada, no sentido que o status de pai, nas palavras do doutor, é posto em dúvida por meio do que ele chama de moral do espetáculo (onde os adultos perdem a confiança na própria experiência e se voltam a ouvir o que a mídia diz a respeito de qualquer coisa) e moral do entretenimento (em que a ação ética é exercida como uma diversão) e a forma igualitária no tratamento com o filho provocou a opacidade da função de pai e de mãe.

A família aristocrática, por sua vez, era baseada no investimento narcísico do pai que tinha a esperança de que seu filho levasse consigo o nome, a riqueza e a herança da família, por meio de um casamento já de antemão arranjado, a fim de que as riquezas fossem acumuladas nesta união. Em tal circunstância, não cabia à prole o direito de escolher seu próprio destino e, muito menos, questioná-lo (Roudinesco, 2003, p. 12). Desta forma, a perpetuação do progenitor estava seguramente garantida e a honra da família também. Neste sentido, vale mencionar as teorizações de Winnicott, citado por

Marcela Casacio e Tania Aiello-Vaisberg (2007), cujo trabalho está localizado em Londres, séc. XX, em um contexto ainda influenciado pela ideia vitoriana de obrigações parentais definidas, isto é, ele atribuía ao pai à função do trabalho que suprisse as necessidades pertinentes da mãe e do filho a fim de que a esposa pudesse criá-lo, da melhor maneira possível, num ambiente confortável.

É aqui que apresentamos nossa temática: objetivamos analisar a função e figura paterna existente no modelo aristocrático que antecedeu ao da família nuclear. Para isso, numa conexão entre a psicanálise e a literatura infanto-juvenil, escolhemos o personagem Lorde Tywin Lannister do romance do escritor norte-americano George R.R. Martin, publicado no ano de 1996, cujas ações assemelham-se ao pai de uma época medieval e conservadora.

As Crônicas de Gelo e Fogo é uma obra de cinco livros. A série tem como tema central a disputa pelo poder do controle do Trono de Ferro, que é o símbolo de monarquia existente nos Sete Reinos. Nas palavras do historiador de medievalismo, Hilário Franco Junior



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(2001, p. 17), a história tem elementos que reproduzem uma fictícia sociedade da Idade Média Central que foi, “grosso modo, a época do feudalismo”, com suas estruturas tanto econômicas quanto religiosas, dividida, portanto em classes de Senhores Protetores do Reino, com poucas diferenças dos antigos Senhores Feudais, oriundos de famílias de poder bélico e financeiro que os tornam aptos a exercer esta função. Toda a casa quer pequenas ou grandes, deviam obediência e prestação de contas ao Rei que estivesse sobre o Trono de Ferro, chamado de Vossa Graça, nome que, em tese, carrega consigo a beneficência, temperança e sabedoria daquele que o possui. É nesta sociedade aristocrática que se encontra Lorde Tywin Lannister, Senhor de Rochedo Casterly e Protetor do Oeste, de acordo com a ótica de seu filho mais novo Tyrion, ele é um homem temível e descrente de meias medidas. Ninguém nos Sete Reinos, conjuntos de regiões governadas por Sua Graça, duvida de sua capacidade estratégica e bélica, bem como do poder para se vingar de seus inimigos. Apesar de ser respeitado pelos demais senhores, é

mister informar que o lorde era filho do esbanjador Tylos Lannister, um homem que quase perdeu a fortuna que tinha por causa de suas discrepâncias comportamentais, mas, ao assumir o poder, Lorde Tywin conseguiu, sozinho, reerguer os bens da família e rejeitou qualquer coisa que fizesse lembrá-lo da fraqueza de seu pai, a ponto de tornar-se avesso ao sorriso e intolerante quanto a gracejos direcionados a sua pessoa:

Um bobo mais tolo que a maioria certa vez dissera brincando que até a merda de Lorde Tywin era salpicada de ouro. Havia quem dissesse que o homem ainda estava vivo, enterrado bem fundo nas entranhas de Rochedo Casterly. (MARTIN, 2010, p.432).

Casou-se com a bela Joanna Lannister com quem teve três filhos, mas a esposa morreu ao dar à luz ao terceiro e último, um anão e deformado, a quem pôs o nome de Tyrion, o completo oposto de seus dois primeiros gêmeos, Jaime e Cersei. Além disso, como era de se esperar, Tywin é influente na corte, e esta influência cresceu a cada dia já que o Senhor de Rochedo Casterly é o principal financiador do Reino e a



garantia da quitação da dívida da Coroa com o Banco de Ferro, uma vez que, graças à rebelião de Robert Baratheon contra a dinastia Targeryon o Reino ficou entregue a miséria.

Na época e na sociedade reproduzida nesta obra, os filhos nada mais são do que a continuidade dos desejos de seu pai, principal responsável pela conservação da tradição herdada pelos seus antepassados. A ambição do pai era a principal razão para que houvesse uniões conjugais e, certamente, netos. Neste sentido, Lorde Tywin, que de seu progenitor só herdou vergonha, converteu o opróbrio que o nome Lannister se tornara em riqueza, poder e temor com o suor de seu trabalho. Roudinesco (2003, p.14), esclarece que, neste contexto, o pai é o senhor de seu filho, pois a ele lhe conferiu a vida, por meio de seu sêmen (logo, o mesmo sangue) e do nome tendo o direito de, sobre seu rebento, exigir que prossiga com suas ambições:

[...] o pai é aquele que toma posse do filho, primeiro porque seu sêmen marca o corpo deste, depois porque lhe dá seu nome. Transmite portanto ao filho um duplo patrimônio: o do

sangue, que imprime uma semelhança, e o do nome — prenome e patronímico —, que confere uma identidade [...]

Esta identidade que, contrariamente, Lorde Tywin não quis adotar do seu, pelo contrário, é evidente que, em virtude de conhecer a desonra de uma casa sem uma figura paterna forte, o senhor de Rochedo Casterly investe nos filhos todo o seu narcisismo a fim de que eles perpetuem e façam crescer o nome Lannister pelos Sete Reinos. Por isso, numa manobra bem articulada, conseguiu casar a sua filha com o Rei Robert Baratheon, de modo que os seus netos, após a morte do Rei, assumem o poder, ou seja, a Casa Lannister passa a dominar o império. Entretanto, os Starks procuram acabar com estes planos quando, Ned, a Mão do Rei, desconfia da paternidade dos três filhos de Cersei, e Tyrion é sequestrado e preso pela esposa deste para responder por um crime que não cometeu. Ned Stark, aproveitando seu poder enquanto Mão do Rei, ordena que Lorde Tywin seja trazido a capital Porto Real, a fim de que responda pelo que ele alega como crimes contra o reino, o que aumenta ainda mais a sanha do Senhor do Oeste que torna a guerra ainda mais renhida contra os Starks.

1- O pai frustrador



Lorde Tywin perdeu a esposa no momento em que os filhos ainda eram crianças, e, se sua paternidade já era definida pelo distanciamento, dado os costumes vigentes, imaginemos quanto mais este distanciamento foi sentido pelos filhos que não tinham a mãe, o primeiro objeto de amor, consigo.

A Cersei, única filha do sexo feminino de Lorde Tywin, coube à sorte de todas as mulheres de sua época e de sua condição: servir de um meio para o homem alcançar o poder. O feminino era concebido como algo perigoso e desprezível, que devia, por isso, ser controlado pela aquisição de um casamento. Talvez por este motivo, Cersei se tornou bonita e extremamente sensual. Vale, novamente, citar Roudinesco (2003, p.16):

Jean Bodin, teórico do fundamento profano da realeza, classifica o masculino ao lado da razão e o feminino ao lado do apetite passional, a fim de melhor demonstrar o perigo existente no caso de as mulheres se libertarem de sua sujeição à ordem marital. A seus olhos, o feminino, fonte de desordem, deve ser controlado pelas leis do casamento, assim como deve ser banida aginecocracia.

A garota, portanto, desde pequena, foi levada a acreditar que se casaria com o príncipe Raghail, primogênito do Rei Aerys

Targaryen, e se tornaria Rainha dos Sete Reinos, mas, em vista da rebelião de Robert e posterior vitória, a promessa de seu pai não se realizou, pelo menos, em parte: de fato casou-se, não com um príncipe, e sim, um rei, só que, ele não era o belo Targaryen.

Essa frustração, causada pelo pai, produziu um desenvolvimento mal sucedido em Cersei que, ao se ver presa em um casamento com Robert, odiou-o, de modo que abortou todos os filhos que suspeitava ser dele, na realidade, é mais do que evidente que o ódio dirigido a Robert nada mais era do que a transferência deste sentimento, pois o verdadeiro receptor dele era o pai que a frustrou. O Senhor de Rochedo Casterly, desde que ela podia lembrar-se, sempre se mostrou extremamente autoritário, temível e castrador. Dados os padrões medievais em que a trama está inserida, não se pode querer conceber o Lorde Tywin de outra forma, já que Cersei era uma mulher, a ela cabia aprender a realizar as atividades condizentes com o seu sexo a fim de evitar maiores desgraças de, antemão, previstas para ela, mas a garota, obteve receptores nos quais era permitido, até certo ponto, depositar o seu ódio e amor, respectivamente: em um primeiro momento da infância encontrou em Tyrion o culpado da perda da mãe, cuja função era fazê-la tornar-se uma milady. Seu ódio a acompanha durante seu crescimento e



vida adulta, de modo que ela pensa em matá-lo, o que não faz porque o pai se coloca como um grande empecilho para a realização deste desejo uma vez que Lorde Tywin não permitiria que o seu sangue fosse derramado. Outro receptor, de seu amor, é o irmão gêmeo, Jaime, com quem, desde a infância, inicia um incestuoso relacionamento, é evidente que a prática de relações sexuais entre irmãos não era permitido pelas leis civilizatórias dos Sete Reinos, que entendia “a proibição do incesto [...] tão necessária à criação de uma família quanto a união de um macho com uma fêmea” (Roudinesco, 2003, p. 11).

Não é difícil analisar como este relacionamento se deu, na realidade, vale ressaltar que, conforme Freud explica, os sentimentos de incesto são inerentes ao ser humano, de forma que cabe a sociedade, e mais especificamente aos pais, transmitir os interditos que inibem a concretização de relações edípicas e incestuosas. No caso em questão, Cersei é de uma sociedade que deixa a mulher à parte de todas as decisões importantes, objetam-na e a tornam um mero enfeite de salão. Somado a isso, há o fato de que Lorde Tywin Lannister ser uma figura distante fisicamente, apesar de ser temível e temido pelos Senhores dos Sete Reinos. Esta ausência, bem normal para o regime patriarcal vigente, é sentida intensamente com a morte

da mãe, que neste caso é a única responsável por educar os filhos, logo, a identificação com o pai era uma consequência esperada por parte dos filhos, acompanhada da carência de amor, sentimentos de ódio e agressividade aos irmãos, sentimentos estes repletos de forças pulsionais arcaicas e prementes como, por exemplo, o desejo de matar o irmão mais novo, que, na fantasia, é o assassino do seu primeiro objeto de amor.

Robert, tal qual Tyrion, recebe o ódio de Cersei, pois ele é o representante das frustrações causadas pelo pai, da mesma forma como é a clara realização destas frustrações, e, impossibilitada de se indispor contra as ordenanças daquele ser impiedoso, Cersei desafia Robert a cada oportunidade que tem.

- Que brincadeira fizeram os deuses de nós dois - disse. – Por direito, você devia estar de saias, e eu, de cota de malha.

Roxo de raiva, o rei estendeu a mão e deu um violento golpe no rosto da rainha. Cersei Lannister tropeçou na mesa e estatelou-se, mas não gritou (MARTIN, 2010, p. 305).

Neste contexto, Cersei se mostra indignada com o fato dos Starks terem sequestrado Tyrion e posteriormente afastado Jaime, que feriu Ned Stark quando soube o que aconteceu com o irmão mais novo, como Robert não quer punir seu amigo por este fato,



a rainha deixa transparecer todo o desprezo e ódio pelo esposo, mas é silenciada e obrigada a se recolher por meio da violência que o marido tinha o direito de exercer, se quisesse, sobre a mulher. As frustrações são tantas e de tantas formas que Cersei arquiteta a morte do marido, o que faz com que seu primogênito Joffrey assumo o trono, realizando, de um golpe só, o desejo fantasioso de matar o pai e fazer, na realidade, a vontade dele que é ver um verdadeiro Lannister sentar no Trono de Ferro.

2. O ódio paterno

Já mencionamos diversas vezes que o filho mais novo de Lorde Tywin Lannister é odiado por seu pai pelo fato de que, ao nascer, provocar a morte da mãe. Em tal circunstância isso não poderia ser mais emblemático, pois, se Lorde Tywin Lannister quisesse, Tyrion não teria chegado à idade adulta, mas, apesar de toda a repugnância, desprezo e ódio, Lorde Tywin não conseguiu ir contra os interditos sociais impostos não só pela sociedade, mas por ele mesmo, ou seja, ele permitiu que o pequeno homem vivesse, descrito como a própria negação das graças de beleza e força concedidas a Jaime e Cersei: “a cabeça era grande demais para o corpo, com uma cara animalesca esborrachada por baixo de uma sobrelha saliente.” (MARTIN, 2010, p.44).

No histórico do caso de Richard, exposto por Klein, no seu artigo “O Complexo de Édipo à Luz das Ansiedades Arcaicas (1945), o menino tem grande sentimento de culpa, relacionados à morte da mãe, que ele provocou, no campo fantasístico, tendo, por isso, diversos sintomas psicossomáticos. No nosso trabalho, o caso em análise, é bem mais problemático porquê, de fato, a mãe morre, o que provoca uma grande culpa em Tyrion que, a sua maneira, tenta reparar o erro, inconscientemente. Em outras palavras, ele nasceu e se criou em um lar repleto de ódio e culpa voltados para ele, seu pai fez questão de conscientizá-lo dos motivos disso, tanto que a maneira que encontrou para lidar com estes sentimentos dirigidos a ele foi criar um mecanismo de defesa mesclado de sarcasmo e sínica indiferença:

- Que sabe você de ser um bastardo?

- Todos os anões são bastardos aos olhos dos pais.

- Você é filho legítimo de Lannister.

- Ah, sou? - respondeu o anão, sarcástico. - Vá dizer isso ao senhor meu pai. Minha mãe morreu ao dar-me à luz, e ele nunca teve certeza. (MARTIN, 2010, p.45).

Não muito diferente de seus irmãos, Tyrion sente falta da mãe, a diferença, no entanto, do quadro do filho mais novo de Lorde Tywin consiste no fato de que ele



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

nunca teve a oportunidade de ter a figura materna como os outros, isso, conforme veremos daqui a pouco, impossibilita que ele consiga reelaborar por muito tempo os constantes ataques de seu pai, o que faz com que ele se dirija para as realizações das fantasias de pulsões primitivas, isto é, a concretização do complexo de Édipo.

A Tyrion não foi permitido sonhar em ser cavaleiro, já que era anão e atrofiado, nem sequer ter a felicidade de ser belo, uma vez que era disforme. Impossibilitado de provar a este pai, que o menospreza, o seu valor, Tyrion tomou uma decisão de se tornar um leitor ávido, mas o que ele faz, na verdade, é acionar os mecanismos de defesa do ego: o fato dele se colocar como um leitor dedicado foi a forma encontrada de se mostrar digno do merecimento da atenção do pai, pois, ele sente profundamente a indiferença e frieza de Lorde Tywin, até bem mais do que os irmãos. Não sabemos, porém, como se deu ou começou o interesse pela leitura, o que podemos afirmar, com base no corpus de que dispomos é que desde cedo, ele dedicava-se à intelectualidade, carregado por culpa e frustrações alheias a seu respeito, de forma que, no campo racional, ser uma pessoa douta de conhecimentos lhe seria possível. Atitudes produtivas como essas, e até outras cujo objetivo era contrariar o pai, eram um brado para chamar atenção. Como exemplo desta busca incessante e, de certo

maneira, insana, citamos o evento em que Tyrion casara-se com uma prostituta, certamente que ele sabia que isso feria o orgulho da Casa Lannister, afinal o filho de um nobre não deveria, jamais, contrair núpcias com uma meretriz, e, semelhante ao que fizera para lidar com os sentimentos hostis a ele direcionados, ignora as convenções sociais e transforma em piada o nome da família. Ao tomar conhecimento disso, Lorde Tywin castiga o filho de maneira bem sugestiva e do tamanho da vergonha que ele havia incutido ao seu nome.

[...] Primeiro [meu pai], obrigou meu irmão a me contar a verdade. A moça era uma prostituta, percebe? [...] Depois de Jaime ter feito sua confissão, para que a lição ficasse bem aprendida, Lorde Tywin trouxe minha esposa e a deu aos guardas. Pagaram-lhe bem. Uma peça de prata por cada homem; quantas prostitutas exigem um preço tão elevado? Sentou-me a um canto da caserna e obrigou-me a assistir e, no final, ela tinha tantas peças de prata que as moedas escorregavam entre seus dedos e rolavam para o chão, ela... - a fumaça estava ardendo em seus olhos, Tyrion limpou a garganta e desviou o olhar do fogo, perdendo-o na escuridão. - Lorde Tywin obrigou-me a ser o último [...] E me deu uma moeda de ouro para pagá-la, porque era um Lannister, e por isso valia mais. (MARTIN, 2010, p. 642).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Esta rigidez em corrigir o filho é a clara manifestação do ódio que Lorde Tywin sente por ele, já que, conforme analisamos anteriormente, a mesma rigidez não é exercida nas atitudes para com os gêmeos Jaime e Cersei, aliás, seria ingenuidade de nossa parte negar que o pai não tinha ciência do incesto que ocorria bem debaixo do seu nariz, pelo contrário, mesmo não havendo uma referência clara a este respeito, a longanimidade com os outros filhos, denuncia o caráter pragmático do Senhor de Rochedo Casterly: desde que o incesto não afetasse nas realizações de seus propósitos (o que, de fato, não afetava, se considerarmos o temor que ele inspirava nos gêmeos a ponto dos mesmos temerem a reação dele caso descobrisse), Lorde Tywin faria vista grossa, ignorando completamente a verdade do que acontecia em sua própria casa, ou, melhor dizendo, negando-a.

Tyrion, por sua vez, não conseguiu superar este trauma completamente, pois o anão começou a se relacionar com várias prostitutas dos bordéis das cidades que se hospedava, sempre consciente de que elas nada mais eram do que objetos usados para lhe dar prazer. Sua frequência nas casas de prostituição era tanta que os Sete Reinos comentavam acerca da luxúria do filho anão de Lorde Tywin, o que, é claro, numa escala menor, cumpria o propósito de vingar-se do

pai. Por se sentir rejeitado e extremamente odiado por ter, acreditava, assassinado a própria mãe, Tyrion busca um mínimo de reconhecimento por parte do pai, que, em determinado momento o investe do poder de Mão do Rei, provisoriamente, para que prepare a capital e o conselho administrativo da cidade para sua chegada. Tyrion entende que lhe foi permitido essa graça pelo fato de Jaime, o mais indicado para ocupar o cargo, ter sido feito prisioneiro, mas, de qualquer forma, o satisfaz obter o poder, do qual o pai o investiu. O rebento Lannister procura governar da melhor maneira possível e, até mesmo, com astúcia e estratégia, consegue vencer o pretense Lorde Stannis Baratheon, irmão mais velho de Robert, que almejava invadir a capital do reino, Porto Real, a fim de tomar o lugar que julga ser seu por direito, o Trono de Ferro, já que toma conhecimento da fofoca de Ned Stark de que os filhos de Cersei não são legítimos dele, e sim de uma relação incestuosa.

Apesar de ter vencido, as únicas coisas que Tyrion obteve pós-guerra foi uma enorme ferida, causada por um cavaleiro, que, aproveitando a oportunidade dos combates, o tentou matar e ser esquecido por tudo e todos do reino que, nem mesmo agradeceu o bem que lhe fizera. Entretanto, a dor maior veio do descaso do pai, a quem recorreu dias depois



que se recuperou para conseguir alguma gratidão.

Tendo em mente que forçar um reconhecimento é algo medíocre, pois este deve ser espontâneo, a constante indiferença do pai o frustrou e ainda mais do que todas as rejeições e humilhações impostas, já que, como bem acreditava, ele fizera tudo ao seu alcance para salvar a cidade do pai, símbolo de seu poder, conquista e glória e, para se vingar disto, Tyrion exige a sua parte na herança que, neste caso, era especificamente Rochedo Casterly. De acordo com as leis sociais, a partir do momento que Jaime vestiu o manto branco e juramentou-se a Guarda Real, perdeu o direito à herança e perpetuação do nome da família, portanto, Tyrion, que era o único filho legítimo em condições legais propícias para tal, vinha reivindicar seu direito. A fúria de Lorde Tywin é indescritível.

- Rochedo Casterly - declarou ele num tom monocórdico, frio e morto. E depois: - Nunca. [...] E ainda pergunta? Você, que matou sua mãe para vir ao mundo? É uma criaturinha malfeita, tortuosa, desobediente, desprezível, uma criaturinha cheia de inveja, luxúria e baixa astúcia. As leis dos homens dão-lhe o direito de usar o meu nome e ostentar as minhas cores, visto que não posso provar que não é meu filho. A fim de me ensinar humildade, os deuses condenaram-me

a vê-lo bambolear por aí, usando esse orgulhoso leão que era o símbolo de meu pai e do pai dele antes disso. Mas nem os deuses nem os homens me obrigarão algum dia a deixar que transforme Rochedo Casterly em seu bordel. (MARTIN, 2011, p. 55).

Não é difícil compreender o excesso de fúria de Lorde Tywin já que Rochedo Casterly era o ponto de partida da família Lannister, a fonte de suas terras, domínios e riquezas. Toda uma tradição familiar passou-se de geração em geração. Este seria o grande valor de seu pai, e Tyrion sabia disto muito bem, mas Lorde Tywin não permitiu que o tivesse e, de quebra, revelou toda a repugnância e asco pelo filho que, desde a infância, trouxe-lhe somente desgosto e desgraça. A imagem de um homem frio e temperado dá lugar a outro mais transparente em seus sentimentos e ira. O desprezo verbalizado e significado pelo pai fazem com que Tyrion torne-se subserviente as exigências do mesmo, como, por exemplo, casar-se com Sansa Stark, filha de Ned, prisioneira dos Lannister depois que o pai desta foi executado, bem como suportar as humilhações de seu sobrinho adolescente, o sádico Rei Joffrey. Vale mencionar que o rei é assassinado no dia de seu casamento; Cersei acusa o irmão Tyrion de ter cometido o crime, e, sem direito a defesa, o anão é preso e levado a julgamento.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Como se já não fosse o suficientemente ruim ter sido acusado injustamente, Tyrion é obrigado a presenciar o depoimento da prostituta que amava e que trouxe consigo a Porto Real com ele. Shae, como era chamada, aparentava ser uma mulher apaixonada por Tyrion, que, como já sabemos, caiu no seu jogo de sedução e acreditou piamente nisso. Carente e passível a repetir o mesmo evento no qual se casou com uma mulher da vida, o pequeno homem se apaixonou verdadeiramente por ela. Ao se deparar com as mentiras por ela contadas e do modo como o procurava ridicularizar, Tyrion se manifestou destilando o seu ódio a todos os presentes, inclusive contra o pai, que, neste contexto, era o juiz:

- [...] não fui eu. Mas agora desejava ter sido. - Virou-se para enfrentar o salão, aquele mar de rostos pálidos. - Gostaria de ter veneno suficiente para todos vocês. Fazem-me lamentar não ser o monstro que gostariam que fosse, mas aí está. Sou inocente, mas aqui não obterei justiça. [...] (MARTIN, 2011, p.720).

Quando Tyrion fugiu da prisão com ajuda de seu irmão Jaime, na mesma noite foi até os aposentos do pai, acreditava ter sido condenado à morte. Uma vez dentro do quarto, o rapaz deparou-se com a mulher que amava, gemendo e deitada sobre a cama de Lorde Tywin, tal fato explode os últimos

vestígios de controle que ele ainda reservava e, sem perda de tempo, ele a mata, estrangulando-a com as próprias mãos. No campo inconsciente, segundo vimos, a prostituta representa a mãe, que, se uniu ao seu pai, contra ele. Isso foi impossível de Tyrion conseguir reelaborar, o que fez com que, sem demora, procurasse pelo pai com uma besta nas mãos.

Foi encontrar o pai onde sabia que o encontraria, sentado nas sombras do poço das latrinas, com o roupão enrolado em volta dos quadris. Ao ouvir o som de passos, Lorde Tywin ergueu os olhos.

Tyrion concedeu-lhe uma meia reverência trocista.

- Senhor.

- Tyrion. - Se estava assustado, Tywin Lannister não mostrou qualquer sinal. - Quem o libertou de sua cela? (MARTIN, 2011, p.801).

Neste momento, é nítido que as emoções reprimidas das humilhações sofridas vieram à tona, bem como, a incapacidade de significar de outra forma as atitudes do pai que, sendo juiz, podia determinar que exilaria o filho para que ele sobrevivesse e não fosse condenado a morte, mas, neste momento, a confiança no pai se desvaneceu: Tyrion sabia que, se abaixasse a besta ou cedesse aos pedidos de Lorde Tywin, certamente o pai ordenaria que o prendessem e, pior, o



matassem. Por medo, vingança e amor ele matou Lorde Tywin que, em suas últimas palavras, fez questão de renegá-lo. Tyrion, no entanto, responde não só para o pai, como também para si mesmo: “É justamente aí que se engana, pai. Ora, eu creio que sou você em letra pequena. E agora faça-me a bondade de morrer depressa”. (MARTIN, 2011, p.801).

Enfim Tyrion realiza o que, na fantasia, sempre desejou: matar a figura parental paterna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Neste artigo, procuramos investigar, à luz da psicanálise, a ambivalente relação do personagem Lorde Tywin Lannister com dois de seus três filhos, enfatizando a maneira como esta figura se apresenta para eles. Para isso, nos valem dos pressupostos teóricos de base kleniana sobre a constituição da paternidade no complexo de Édipo.

Em virtude de nosso corpus ter signos que o assemelham a Idade Média, no primeiro momento, nos propomos a delimitar a constituição do modelo familiar, no qual, o pai é tido como o transmissor da cultura e dos interditos necessários a prole, conseguimos identificar esta função na Alta Idade Média, onde a tipificação deste modelo era altamente temível. A partir desta concepção, definimos qual o objetivo do progenitor para com seus filhos: estes nada mais eram do que um

investimento narcísico e receptor das ambições daquele.

No segundo momento, analisamos os aspectos deste pai manifestados na criação e educação de sua prole, na relação edípica com dois de seus três filhos, isto é, o pai frustrador, no que se referia a Cersei, única filha mulher, a quem o Senhor de Rochedo Casterly destina a um vantajoso casamento e, onde, a garota Lannister se vê presa.

Em ambos os pontos desenvolvidos, procuramos analisar os resultados desta forma de comparecer, nestes filhos, que, vale ressaltar, perderam seu primeiro objeto de amor (a mãe). Verificamos que, nesta família, a concretização do Complexo de Édipo, no campo da fantasia e na realidade, foi, na idade adulta, o efeito natural que a temeridade, a frustração excessiva e o distanciamento desta figura parental causou, ou seja, Cersei, transferindo o ódio e amor que sentia pelo pai, assassinou o marido, ao mesmo tempo que manteve um relacionamento incestuoso com seu gêmeo Jaime; Tyrion, por sua vez, tentou superar e encontrar formas de lidar com a rejeição de Lorde Tywin, mas, ao perceber que sua vida corria sérios riscos, matou o pai que tanto amava e odiava.

REFERÊNCIAS:

FERREIRA, M. C.; AIELLO-VAISBERG, T. M.J. O pai ‘suficientemente bom’: algumas



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana. Disponível

em: <<https://www.metodista.br/revistas/revista-sims/index.php/MUD/article/viewFile/644/644>> Acesso em: 12.07.2015.

FIGUEIREDO, L. C. A clínica psicanalítica a partir de Melanie Klein. O que isto pode significar? Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010358352006000200008&script=sci_arttext> Acesso em: 12.07. 2015.

FRANCO JUNIOR, H. A Idade Média: o nascimento do ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001.

KLEIN, Melanie. Amor culpa e reparação. In: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Tradução: Belinda H. Mandelbaum, Maria Elena Salles de Brito, Octávio L. de Barros Salles, Maria Teresa B. Marcondes Goboy, Viviana S. S. Starzynski, Wellington Marcos de Melo Dantas. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLEIN, Melanie. O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Tradução: Belinda H. Mandelbaum, Maria Elena Salles de Brito, Octávio L. de Barros Salles, Maria Teresa B. Marcondes Goboy, Viviana S. S. Starzynski, Wellington Marcos de Melo Dantas. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MARTIN, George R. R. As crônicas de gelo e fogo: a guerra dos tronos. Vol.1. Tradução: Jorge Candeias. São Paulo: Leya, 2010.

MARTIN, George R. R. As crônicas de gelo e fogo: a tormenta de espadas. Tradução: Jorge Candeias. Vol.3. São Paulo: Leya, 2011.

O filho e o casamento. Jurandir Freire Costa. Local: Café Filosófico, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dr9CsBWTu5o>> Acesso em: 06.07.2015.

ROUDINESCO, E. A família em desordem. Tradução: André Teller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.